

R U D O L F S T E I N E R

**CENTROS** de  
**MISTÉRIOS**  
na **IDADE MÉDIA**

Rosacruzianismo  
e princípio da iniciação moderna  
Dornach de 04 a 13 de janeiro de 1924

**Título do original**

Mysterienstätten des Mittelalters  
Rosenkruzertum und modernes Einweihungsprinzip  
1998 - ISBN 3-7274-2335-8

Verlag der Rudolf Steiner - Nachlassverwaltung  
1998- Dornach - Suíça

**Direitos desta tradução reservados à**

João de Barro Editora Ltda  
Rua Barão do Triunfo 88 sala 1612  
04602 - 000 São Paulo – SP  
editorajoaodebarro@gmail.com

**2ª Edição**

Junho de 2016  
ISBN: 978 85 98689 10 6

**Tradução:**

BERNARDO KALIKS e  
ELIZABETE CANELADA

**Revisão:**

RUTH SALLES

**Projeto Gráfico:**

GISELA MOTTA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Steiner, Rudolf, 1861-1925

Centros de mistérios na Idade Média : rosacrucianismo e princípio da iniciação moderna / Rudolf Steiner ; tradução de Bernardo Kaliks e Elizabete Canelada. -- São Paulo : João de Barro Editora, 2006.

Título original : Mysterienstätten des Mittelalters :  
Rosenkruzertum und modernes Einweihungsprinzip.  
"seis palestras proferidas em Dornach de 04 a 13 de janeiro de 1924".  
Bibliografia.

I. Antroposofia 2. Mistérios religiosos 3. Rosacrucianismo I. Título. II. Título:  
Rosacrucianismo e princípio da iniciação moderna

06-0896

CDD-299,935

**Índices para catálogo sistemático:**

I. Antroposofia : palestras 299.935

R U D O L F S T E I N E R

# **CENTROS** de **MISTÉRIOS** na **IDADE MÉDIA**

**Rosacruzianismo  
e princípio da iniciação moderna  
Dornach de 04 a 13 de janeiro de 1924**

TRADUÇÃO DE  
BERNARDO KALIKS  
E ELIZABETE CANELADA



Estas conferências, originalmente não destinadas à publicação, foram extraídas de notas estenográficas não revistas pelo autor. Rudolf Steiner diz na sua autobiografia: “Quem lê estes textos pode tomá-los como aquilo que a Antroposofia tem a dizer... Mas deve levar em conta que nos textos não revistos por mim podem existir erros”. As premissas e a nomenclatura da Antroposofia ou Ciência Espiritual estão expostas nas obras fundamentais de Rudolf Steiner.

# ..... ÍNDICE:

## **PRIMEIRA CONFERÊNCIA:**

**Dornach, 04 de janeiro de 1924 ..... pág. 07**

A pesquisa da vida espiritual na Idade Média.

## **SEGUNDA CONFERÊNCIA:**

**Dornach, 05 de janeiro de 1924 ..... pág. 23**

Centros de Mistérios ocultos na Idade Média.

## **TERCEIRA CONFERÊNCIA:**

**Dornach, 06 de janeiro de 1924 ..... pág. 37**

A fundação do Rosacrucianismo. O sacrifício do conhecimento das estrelas e o impulso da liberdade.

## **QUARTA CONFERÊNCIA:**

**Dornach, 11 de janeiro de 1924 ..... pág. 51**

○ conhecimento a partir da índole e a visão das escolas rosacruz.  
○ início da época de Micael.

## **QUINTA CONFERÊNCIA:**

**Dornach, 12 de janeiro de 1924 ..... pág. 63**

Doutrinas secretas dos séculos XVIII e XIX. As figuras dos rosacruz.  
A percepção da forma e da matéria em Aristóteles.

## **SEXTA CONFERÊNCIA:**

**Dornach, 13 de janeiro de 1924 ..... pág. 79**

As tarefas da época de Micael. ○ princípio de iniciação rosacruz.

**NOTAS: ..... pág. 98**



## **PRIMEIRA CONFERÊNCIA**

DORNACH, 04 DE JANEIRO DE 1924

Nestas três palestras que serão dadas à noite, vamos dizer algo sobre a pesquisa da evolução da vida espiritual nos tempos modernos, numa continuação daquilo que expus no curso dado durante nosso Congresso de Natal. Tem-se falado muito deste recente desenvolvimento científico-espiritual sob o nome de rosacruzianismo ou com outras denominações ocultistas, e agora gostaria de descrever para vocês o interior dessa pesquisa da vida espiritual. Para isso, será necessário que hoje falemos previamente de todo tipo de ideias que se estabeleceram nos séculos IX, X, XI depois de Cristo, e que foram desaparecendo aos poucos até o fim do século XVIII, conservando-se ainda em alguns representantes isolados no século XIX. Hoje, portanto, não quero expor o assunto historicamente, mas apresentarei a vocês um conjunto de ideias vivenciadas internamente por certas personalidades. Em geral não se imagina o quanto era diferente há muito pouco tempo o modo de pensar – comparado com o de hoje – dos que se consideravam ligados ao conhecimento. Hoje as pessoas falam de substâncias químicas, de setenta ou oitenta substâncias químicas, e não têm consciência de que na verdade é espantosamente pouco o que dizem ao caracterizar uma substância como sendo oxigênio, nitrogênio, etc. Pois oxigênio é algo que só existe sob determinadas condições de estados calóricos, diferentes de outros estados da vida terrestre. É realmente impossível que uma pessoa de bom senso possa relacionar o conceito do real com algo que, com um aumento da temperatura em alguns graus,

não existiria mais da mesma forma como existe nas condições em que o homem vive como ser humano físico na Terra. E justamente esses conceitos, essas ideias, a tendência para sair de uma existência relativa e chegar a uma verdadeira, era a meta que estava nos fundamentos da pesquisa no início e nos meados da Idade Média.

Mencionei aqui a transição do século IX para o século X depois de Cristo porque, antes dela, todas as concepções do ser humano eram ainda muito espirituais. Por exemplo, a um verdadeiro sábio do século IX não ocorreria admitir em Anjos, Arcanjos, ou Serafins algo que não fosse equivalente ao homem físico que vemos com os olhos – e estou falando só da realidade. Na época anterior ao século X, encontramos sábios que falavam de entidades espirituais, das chamadas inteligências do cosmo, como se falassem de entidades com as quais as pessoas se encontram, isso apesar de também saberem que tal conhecimento tinha deixado de ser um conhecimento comum dos homens há muito tempo. Mas eles tinham consciência de que em condições especiais aquilo fazia algum efeito. Não se pode ignorar que, até o século IX, X, para muitos sacerdotes de determinada natureza, sacerdotes católicos, não havia dúvida de que, neste ou naquele momento da missa, eles tinham tido um encontro com seres espirituais, com inteligências do cosmo.

No entanto, com os séculos IX e X, desapareceu gradualmente da consciência do homem essa relação direta com as verdadeiras inteligências do cosmo, aflorando cada vez mais apenas a consciência dos elementos do cosmo: do terrestre, do líquido ou aquoso, do aéreo, do calórico, do fogo. De tal maneira que, assim como antes se havia falado de inteligências cósmicas que regem os movimentos dos planetas, que levam os planetas a passar pelas estrelas fixas, etc., falava-se agora do ambiente diretamente ligado ao terrestre. Falava-se dos elementos da terra, da água, do ar, do fogo. Não se dava atenção a substâncias químicas no sentido atual. Isso só veio muito mais tarde; mas vocês estariam bem errados se imaginassem que, mesmo nos séculos XIII, XIV, e de certa forma até no século XVIII, esses



sábios pensassem em calor; ar, água, terra, assim como pensam os homens de agora. Agora, os homens só falam do calor como de um estado em que os corpos se encontram. Não se fala mais de um elemento etérico-calórico. Ar, água, isso se tornou algo totalmente abstrato para o homem atual, e é necessário nos aprofundarmos no caráter que estas ideias tinham antes. Assim, gostaria de lhes dar uma ideia de como era o discurso dos sábios na época especificada.

Quando escrevi minha *Ciência Oculta*<sup>1</sup>, tive de pôr a evolução da Terra pelo menos numa certa concordância com as ideias comuns à época presente. Nos séculos XIII, XII, isso poderia ter sido feito de forma diferente. Por exemplo, num determinado capítulo da *Ciência Oculta* encontraríamos o seguinte: Primeiro, seria preciso ter evocado uma representação mental das entidades que podem ser caracterizadas como entidades da Primeira Hierarquia: Serafins, Querubins, Tronos. Os Serafins seriam caracterizados como seres em que não há sujeito e objeto, em que sujeito e objeto convergem, seres que não diriam: *Além de mim existem outras coisas*, mas sim *O mundo é, e eu sou o mundo, e o mundo sou eu*, seres que só sabem de si mesmos, e que sabem de si mesmos através de uma vivência da qual o ser humano tem apenas um pálido reflexo quando, digamos, passa por uma experiência que o deixa numa exaltação ardente.

Às vezes, é até difícil para o homem atual entender o que é uma exaltação ardente; até o começo do século XIX, sabia-se isso melhor que hoje. Naquela época, ao ser lido um ou outro poema deste ou daquele poeta, as pessoas, exaltadas, reagiam de tal forma (perdoem, mas era assim mesmo) que alguém de hoje diria: *Ficaram todos loucos!* Pois as pessoas se movimentavam e assim se aqueciam. Hoje, elas sentem frio justamente quando achamos que deviam estar exaltadas.

E através desse elemento da exaltação, que era especialmente familiar à Europa Central e Oriental, através dessa exaltação anímica que se torna uma com a consciência na medida em que é elevada a ela, podemos imaginar então a vida interior dos Serafins. E, como um elemento

totalmente clarificado na consciência ilumina tudo – pois é límpido a ponto de o pensamento se tornar imediatamente luz – podemos imaginar o elemento da consciência dos Querubins. E o elemento dos Tronos deve ser representado como que sendo trazido em estado de graça, sendo trazido cosmicamente.

Isto é apenas um esboço. Ainda poderia falar muito sobre isso. Mas eu quis primeiro lhes dizer apenas que naquela época as pessoas teriam tentado primeiro caracterizar Serafins, Querubins e Tronos em seus atributos essenciais. Então elas poderiam ter dito: *O coro dos Serafins, Querubins e Tronos age em conjunto, e o fazem de tal forma que os Tronos constituem um núcleo (lilás); os Querubins deixam fluir deste núcleo seu próprio ser cheio de luz (amarelo). Os Serafins envolvem o todo em um manto de exaltação que se irradia para longe no espaço cósmico. (vermelho)*

Mas tudo o que desenho aqui (ver Fig. 1) são entidades: os Tronos no meio, os Querubins em torno e os Serafins mais para fora. Essas são entidades que pairam, permeando-se; que agem, pensam, querem, sentem, permeando-se. São essencialidades. E se um ser com a adequada sensibilidade fizesse um caminho através do espaço onde os Tronos criaram um núcleo, os Querubins uma espécie de entorno, os Serafins uma espécie de fechamento para fora, se tal ser chegasse à esfera de atuação da Primeira Hierarquia, ele sentiria diferentes intensidades de calor, ali um calor mais intenso, lá menos intenso. Mas tudo anímico-espiritual, mas anímico-espiritual de tal forma que a vivência anímica também é, ao mesmo tempo em nossos sentidos, uma vivência física, quer dizer, quando esse ser se sente animicamente quente, sente realmente o que vocês sentem quando estão num local aquecido. Tal construção conjunta de entidades da Primeira Hierarquia surgiu uma vez no cosmo, e isso configurou a existência de Saturno. O calor apenas exprime que essas entidades estão aí. Ele não é senão a expressão de que essas entidades estão aí.

Saturno

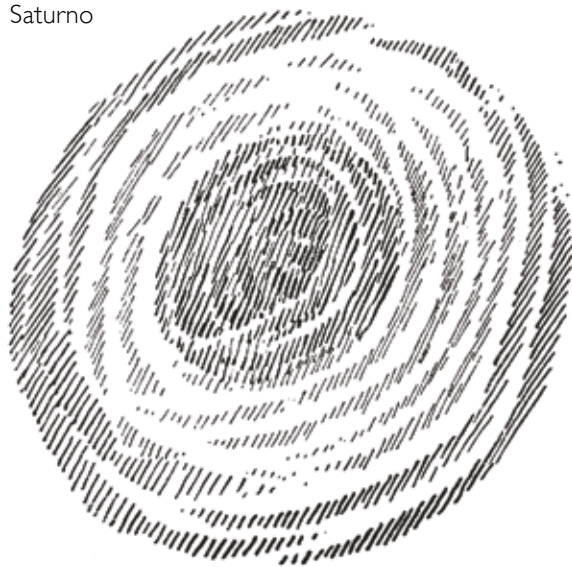


Fig. 1

Vou usar uma imagem que aqui talvez seja esclarecedora. Imaginem que vocês gostam de uma pessoa. Vocês sentem sua presença como algo que aquece. Imaginem que chegue então um homem espantosamente abstracionista que diz: *Essa pessoa na verdade não me interessa, eu preciso dela, só me interessa o calor que ela emana.* Mas ele não diz *Só me interessa o calor que ela emana*, mas sim *Me interessa unicamente o calor.* Naturalmente ele diz uma bobagem, pois vocês sabem que, quando a pessoa que emana calor vai embora, este também vai. O calor é algo que só está ali quando a pessoa também está. Por si só, ele não é nada. De modo que Serafins, Querubins, Tronos precisam estar ali, do contrário não haveria calor: O calor é apenas a manifestação de Serafins, Querubins, Tronos.

Vejam, naqueles tempos de que estou falando, existia de fato, até nos desenhos coloridos em baixo, aquilo que lhes descrevi agora. Falava-se de tal forma que, quando se falava dos elementos, do elemento do calor, as pessoas entendiam que na verdade se tratava de Serafins, Querubins e Tronos. E isso é a existência de Saturno.

Então, ia-se além e se dizia: *Só os Serafins, Querubins e Tronos têm o poder de gerar algo assim, de pôr algo assim no cosmo. Só esta, a mais elevada das Hierarquias, tem a capacidade de fazer isso.* E, quando a mais elevada das Hierarquias instalava algo assim no ponto de partida de um devir cósmico, a evolução podia prosseguir. E os filhos dos Serafins, Querubins, Tronos podiam continuar conduzindo a evolução. E isso aconteceu de forma tal que os seres da Segunda Hierarquia, gerados pelos Serafins, Querubins e Tronos – Kyriotetes, Dynamis, Exusiai – entraram realmente nesse espaço que havia sido configurado aqui saturnicamente quente pelos Serafins, Querubins e Tronos. Ali entraram as entidades mais jovens, cosmicamente mais jovens. Qual era a sua atuação? Enquanto os Querubins, Serafins e Tronos se manifestavam no elemento do calor, as entidades da Segunda Hierarquia se manifestavam no elemento da luz. Aqui (ver desenho) o satúrnico é obscuro, proporciona calor. E dentro do mundo obscuro e em trevas da existência de Saturno surge o que pode surgir através dos filhos da Primeira Hierarquia: através dos Exusiai, Dynamis, Kyriotetes.

O que surgiu dentro deste aquecer satúrnico, surgiu porque a intervenção da Segunda Hierarquia significa um devir internamente iluminado. Este devir internamente iluminado está associado a uma condensação do calor. Do simples elemento do calor surge o ar. E temos, por um lado, a Segunda Hierarquia entrando na manifestação da luz. Mas vocês devem pensar agora com clareza: na realidade são entidades que entram. Para um ser com a adequada capacidade de percepção, entra luz. Luz é o que caracteriza o caminho destas entidades. Quando a luz chega em algum lugar, surgem, sob determinadas condições, sombras, trevas, sombras escuras. (Fig. 2)



Fig. 2

Com a entrada da Segunda Hierarquia em forma de luz, surgem também sombras. O que era essa sombra? O ar. E de fato, até os séculos XV, XVI, sabia-se o que é o ar. Hoje só se sabe que o ar se compõe de oxigênio, nitrogênio, etc., e com isso não se diz algo muito diferente do que se sabe de um relógio quando se diz que ele é feito de vidro e de prata; com isso nada se diz sobre o relógio. Sobre o ar, como manifestação cósmica, nada se diz quando se afirma que ele é constituído de oxigênio e nitrogênio, mas se diz muito sobre o ar quando se sabe que, a partir do cosmo, ele é a sombra da luz. Portanto agora, com a entrada da Segunda Hierarquia no calor de Saturno, temos de fato a entrada da luz (amarelo no desenho) e a sombra da luz, o ar (verde). E onde isso surge está o Sol. Na verdade, isso teria sido dito dessa maneira nos séculos XIII, XII.

Mas continuemos. A etapa seguinte da evolução é conduzida pelos filhos da Segunda Hierarquia – Arqueus, Arcanjos, Anjos. Estas entidades trazem algo de novo ao elemento luminoso que foi incluído primeiro pela Segunda Hierarquia, e que trouxe consigo as sombras, as trevas do ar, não aquelas trevas indiferentes, neutras, satúrnicas, que eram simplesmente ausência de luz, mas sim as que se elaboraram em oposição à luz. Agora, a Terceira Hierarquia – Anjos, Arcanjos, Arqueus – traz para esta evolução, através de sua própria entidade, um elemento que é semelhante ao nosso desejar; aos nossos impulsos para alcançar alguma coisa, ansiar por alguma coisa (Fig. 3).

#### Existência lunar



Fig. 3

Com isso, aconteceu o seguinte, aconteceu que um Arqueu ou um Anjo penetrou aqui (vide figura) e foi de encontro a um elemento de luz, um local de luz, digamos. Nesse local de luz surgiu o anseio, o desejo pela treva, através da receptividade para com esta luz. O ser angélico levou a luz para dentro da treva, ou levou a treva para dentro da luz. Estes seres tornaram-se os mediadores, os emissários entre a luz e as trevas. E, como

consequência disso, o que antes só reluzia na luz – acarretando sua sombra, a obscura treva do ar – começou a brilhar em todas as cores, apareceu luz nas trevas, trevas na luz. Foi a Terceira Hierarquia que fez as cores surgirem, por encanto, a partir da luz e da treva.

Aqui vocês devem colocar diante de suas almas algo assim como um documento histórico. Quando, no interior dos Mistérios, se perguntava de onde vêm as cores, ainda se sabia na época de Aristóteles que as entidades da Terceira Hierarquia tinham a ver com isso. Por isso é que Aristóteles, em sua Harmonia das Cores, disse que a cor é uma interação entre luz e trevas. Mas perdeu-se esse elemento espiritual, pelo qual se via que atrás do calor estão as entidades da Primeira Hierarquia, que atrás da luz e de suas sombras, as trevas, estão as entidades da Segunda Hierarquia, e atrás do brilho colorido, as entidades da Terceira Hierarquia. E só o que sobrou foi a infeliz teoria das cores de Newton, da qual os iniciados riram até o século XVIII, e que se transformou no credo dos profissionais da física.

Quando se fala da teoria das cores no sentido de Newton, é porque realmente não se sabe mais nada do mundo espiritual. E quando a pessoa ainda se sente interiormente tocada pelo mundo espiritual – como era o caso de Goethe – se opõe à teoria de Newton. Apresenta o que é o certo – como fez Goethe – e faz uma terrível censura. Pois Goethe nunca levantou tanto clamor como na ocasião em que censurou Newton; ele censurou terrivelmente essa insensatez absurda. Hoje isso não se pode conceber, pela simples razão de que, para os físicos, quem não reconhece a teoria das cores de Newton é um louco. E não é que na época de Goethe ele estivesse sozinho. Certamente ele foi o único que expressou o que pensava, mas até o fim do século XVIII os sábios sabiam muito bem que as cores brotam do espiritual.

Mas, vejam vocês, o ar é a sombra da luz. E da mesma forma que, quando surge a luz, sob certas condições surge a sombra, quando a cor aparece como algo real – e ela faz isso quando penetra no elemento aéreo – quando a cor cintila no elemento aéreo e atua nele como algo que não

é apenas um reflexo, não é apenas uma cor reflexa mas sim uma realidade que cintila no elemento do ar: assim, tal como através de uma pressão surge uma contrapressão em determinadas condições, o elemento líquido, aquoso surge do colorido real. Tal como o ar é a sombra da luz, pensando cosmicamente, assim a água é o reflexo, a criação do colorido no cosmo.

Vocês dirão: Isso eu não entendo. Mas procurem apenas captar o colorido em seu sentido real. Vermelho – vocês realmente acham que o vermelho, em seu ser, é só a superfície neutra que comumente se vê? O vermelho é algo que faz um ataque contra nós. Eu me referi a isso com frequência. Se desejamos fugir do vermelho, ele nos repele. O azul violeta – se desejamos ir atrás dele, ele se movimenta sempre à nossa frente, torna-se cada vez mais profundo. Tudo vive nas cores. As cores são um mundo, e o elemento anímico se sente no mundo das cores de tal forma que não consegue sair dele sem movimento, quando acompanha as cores com a vivência anímica.

Vejam vocês, hoje o homem arregala os olhos diante do arco-íris. Se o olharmos com um pouco de Imaginação, veremos nele seres elementares muito ativos. Estes seres têm manifestações muito curiosas. Aqui (no amarelo), vemos sair continuamente do arco-íris certos seres elementares. Eles se movimentam então para o outro lado. No momento em que eles chegam à borda inferior do verde, eles são atraídos. Vemos que eles desaparecem (no verde). E surgem de novo pelo outro lado. O arco-íris inteiro mostra, àquele que o contempla com Imaginação, um jorrar do espiritual e um desaparecer do espiritual. Ele realmente mostra algo como uma valsa espiritual maravilhosa. E ao mesmo tempo percebemos que esses seres espirituais, quando surgem, o fazem com muito medo, e quando entram o fazem com uma coragem imbatível. Quando olhamos para o amarelo avermelhado, dali flui medo, quando olhamos para o azul-violeta, temos a sensação de que ali vive tudo que é intrepidez, que é coragem (Fig. 4).